

O POETA JUDAS ISGOROGOTA

Caio Porfírio Carneiro

O poeta Judas Isgorogota trabalhou umas quatro décadas no jornal *A Gazeta*, de São Paulo, fundada por Cásper Libero, e de lá saiu, não aposentado, mas através de um “acerto” com a direção da empresa, então falida e em mãos de outro grupo, que lhe deu uma importância irrisória pelos anos de trabalho, pago em parcelas mensais.

Quando se aposentou como escritor, com a minha ajuda e a ajuda de Antônio Carlos Augusto Bonafé, a Previdência descobriu o “acerto” grosseiro e forçou o jornal a aposentá-lo como devia.

Ele nos ficou grato pelo resto da vida e me deu meia dúzia de bom uísque estrangeiro, para que eu me embebedasse à vontade.

Judas não era bem um espírito vingativo, mas quando não gostava de um escritor ou de sua obra, sai da frente... Descia a lenha através da sua página literária d’ *A Gazeta*. Arrasava com o sujeito.

Almoçava todos os dias no restaurante da UBE, e nas rodas de amigos não deixava de lembrar coisas de sua terra, Maceió. Veio de lá em 1927, muito moço, e nunca mais voltou para revê-la. Eu não me conformava:

- Por que não vai rever sua terra, Judas? É tão fácil... Voo de poucas horas.

Punha sempre obstáculos, nenhum deles convincente. Gostava também de lembrar os anos de trabalho na editora de Monteiro Lobato. Lobato quem leu os seus primeiros versos e assombrou-se com o seu talento. Nessa época ainda não adotara o pseudônimo de Judas

Isgorogota. Assinava o seu nome verdadeiro: Agnelo Rodrigues de Melo.

Contava-me que quando passou a adotar o nome de Judas Isgorogota, ainda solteiro, morava numa pensão, e foi expulso de lá.

- Por que, dona fulana? Não pago em dia?

- Paga. Mas eu não quero nem um judas na minha pensão, nenhum inimigo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E se fez poeta de renome assinando sempre Judas Isgorogota. Agnelo Rodrigues de

Melo só em documentos oficiais. Como aconteceu com o escritor Marcos Rey, que nasceu Edmundo Donato.

Eu colaborava semanalmente na sua página literária, resenhando livros. Brigávamos sempre. Quis modificar um texto meu, porque elogiei um livro de José Mauro de Vasconcelos. Ele detestava o Zé Mauro. Eu ameaçava de não escrever mais nenhuma linha para o suplemento dele. Ele recuava e me dava presentes. Tenho ainda comigo uma bela camisa vermelha, importada, caríssima.



Judas Isgorogota

Um dia, eu, Volney Milhomem e Clóvis Moura resolvemos fundar uma editora. Chancela bonita: *Editora Pasárgada*. O primeiro livro, belamente impresso e pago totalmente pelo autor, claro, porque não tínhamos nenhum dinheiro e nem distribuidor, foi *Noite Azul*, excelente obra poética de Aluísio Mendonça Sampaio. Até o coquetel de lançamento muito concorrido, na *Livraria Teixeira*, foi pago pelo Aluísio.

Passamos a ser procurados. Cobrávamos uma faixa de lucro, porque queríamos ficar com algum... Pois o Judas, para nos prestigiar, porque ele tinha editora de graça, a *Saraiva*, que lançava todos os seus livros, publicou pela Pasárgada uma seleção dos seus poemas: *XXX Poemas de Judas Isgorogota*, em 1973. Ele escolheu até a gráfica e dessembolsou tudo. Foi o último livro dele publicado em vida.

Em *Cantos da Visitação*, de 1970, dedicou-me a segunda parte da obra, dividida em cinco.

Nascido em 1901, em Alagoas, esse poeta notável deixou-nos em 1979, marchando para os oitenta anos.

Não era um espírito religioso, mas admirava muito a figura de Cristo e muitas passagens da Bíblia, presente em vários dos seus poemas. No fundo, um artista e um cético.

Sempre bem vestido e de chapéu, pasta debaixo do braço, naquele andar meio bamboleante, estatura mediana e magro, meio encurvado nos seus mais de setenta anos, óculos e olhar voltados para o chão.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, historiador, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

A Literatura fora do Prêmio

Rosani Abou Adal

A Literatura está excluída do *Prêmio Governador do Estado de São Paulo para a Cultura 2013*, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo através da Secretaria de Estado da Cultura, que abrange 10 categorias: Destaque Cultural, Dança, Teatro, Música, Circo, Artes Visuais, Cinema, inclusão cultural, instituição cultural e fomento.

Segundo o Regulamento (2- do Objeto, item 3), "A edição busca premiar e homenagear amplamente o setor cultural e o que de mais significativo foi desenvolvido, entre janeiro de 2013 e dezembro de 2013, nas principais modalidades artísticas existentes, tais como: Artes Visuais; Cinema; Circo; Dança; Música e Teatro."

Conforme (2-do Objeto, item 2), do referido regulamento: "Foram estabelecidas 10 Modalidades para o *Prêmio Governador do Estado 2013* e duas categorias distintas: Júri e Voto Popular."

Por que a Literatura não se enquadrou nas principais modalidades artísticas existentes? Se não for uma modalidade principal, é o quê?

Será que a arte literária não teve nada significativo que foi desenvolvido no referido período em questão?

Seja o que for, não dá para entender.

Barbaridade é única palavra sai da garganta.

Rosani Abou Adal é jornalista, escritora e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

MENINOS DESCALÇOS

Raymundo Farias de Oliveira

Andar descalço era a regra.

Regra deliciosa, festa da liberdade, celebração do prazer. Os dedos sorrindo... Caminhar no areião das ruas largas, chapinhar na lama, debaixo da chuva fria. Que doce aventura!

Ouvir as broncas maternas e sentir no lombo os "corretivos" paternos era um desafio inocente, quase santo.

Empurrar os aguapés do rio Caiuá, em determinados locais, para aumentar o espaço de nossas competições e estripulias aquáticas, às vezes na companhia de cobras verdes e saracuras, era uma atividade que só poderia mesmo ser executada devidamente descalço e em trajas de Adão, aquele do Éden.

O suplício acontecia na hora de ir para a escola. Instante em que os pés despojavam-se da liberdade gostosa e se submetiam às torturas da botina ou do sapato, este para os mais abastados do lugar.

As botinas com aquele elástico de cada lado, fabricadas na sapataria do João Maçarico, eram dotadas de uma sonoridade escandalsa. Chamavam a atenção com um som que humilhava o usuário e incomodava os circunstantes.

Etome sebo e tome graxa, mas não resolvia. A sinfonia interrompida retomava seu andamento. A botina voltava a ringir! No assoalho da sala de aula então crescia, assustadoramente, o número de decibéis do ringido das tais botinas. Pretas, marrons, amareladas, um horror. Doiam nos pés e ainda faziam zoada.

E como debochavam dos meninos de botina. Era demais para nós, piás inocentes vindos do sítio, diante do espetáculo da vida e dos seus mistérios.

Mas havia também os tênis vendidos na loja da avenida João Pessoa. Eram brancos ou marrons. Solas fininhas. Não tinham canos. O tênis propiciava ao usuário um andar meio maroto, como que espregando alguma coisa... Felino sondando as primeiras sombras da noite.

Recordo-me de um cidadão cearense que fez o maior sucesso num carnaval, pulando de tênis branco no salão abarrotado de foliões e folianas enrolados naquelas serpentinas rosas e azuis. Namorador, lépido, gaiato, saltitava, freneticamente, sem



parar, no assoalho do imenso salão, ao som das marchas e sambas buliçosos. Um serlepe! Às vezes, parecia levitar com seu tênis branco.

A roda do tempo girou, os americanos incrementaram a fabricação de tênis e sofisticaram os modelos. Agora, vejo a humanidade andando de tênis (no meu tempo de ginásio era quedes – no plural) no viaduto do Chá. Hoje, quem não tem um tênis não é gente.

"Geração chulé"? Não vou a tanto exagero. Tenho também meu tênis para as caminhadas matinais, com a calcanheira de silicone, para não provocar o "esporão". Em Caiuá, eu via esporão nos galos "índios" em suas violentas brigas passionais ao redor das galinhas. E nem sabia que eu tinha meu "esporão"...

Por isso, evoco os meninos descalços daquele tempo, quando andávamos nas ruas pisando o areião macio, onde os pardais madrugadores brincavam distraídos, dando cabriolas, para enfeitar a pureza de nossa meninice.

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e procurador do Estado aposentado.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____
Estado: _____ Tel.: _____
E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 31.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392 E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade mensal - Site: www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTE: 18194)
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br
Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392
CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110
Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana* distribuído em livrarias, academias, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes - espaços culturais e bibliotecas.
Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R. Tiradentes, 347 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br
Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Ventos - aldravias de Gorette de Freitas

AUTOBIOGRAFIA

Jorge Medauar

Andreia Donadon Leal

O vento é tão polifônico quanto os discursos das pessoas. Tantas as vozes do vento... Tantos e tão diferentes os ventos. A rosa dos ventos produz energia à imaginação. A natureza vegetal se nutre de vento para a polinização. A navegação dependeu por milênios dos desígnios dos ventos. A sensualidade se acentua com o embalar do vento nos cabelos. O vento embala o sono e o amedronta, sacudindo o pavor da insônia. E Gorette de Freitas lança aldravias aos Ventos e diz:

ventania
chicoteia
folha
copa
inteira
treme

O medo do vento é imemorial. No tempo de Eowão, na China dos 781 a 770 aC, a canção do Vento Leste (Livro dos Cantares, Macau: Jesuítas, 1979, pág. 629) diz que "Às lufadas sopra o leste / segue o vento o vendaval. / Em toda a classe de riscos, / no teu peito me trazias. / Minhas virtudes esqueces, / dos defeitos só te lembras." Na figuração poética do vento, poetas de todos os tempos e de todos os lugares estabelecem relações metonímicas do vento com enchimento ou esvaziamento de continentes, com o trazer e o levar coisas, com o sujar e o limpar espaços figurados. Veja, caro leitor,

como as aldravias de Gorette de Freitas passeiam como canções nesses espaços literários:

vento
rodopia
palavras
e
silêncios
escondidos

praia
deserta
sombria
vento
varrendo
rastros

estação
ventania
somente
folhas
nesse
desembarque

Depois da tempestade, a bonança. Todos os espíritos das folhas, das flores e das peles se renovam com o frescor deixado pelos ventos. Assim é nossa renovação após a leitura das aldravias sopradas da poesia de Gorette de Freitas, a nos encher os olhos e a alma de venturas e prazer.

brisa
nova
nas
entrelinhas
de
mim

Andreia Donadon Leal é Mestre em Estudos Literários e Mestre em Letras - Estudos Literários pela UFV - Universidade Federal de Viçosa.

Meu nome todo é Jorge Emílio Medauar

Filho de imigrantes árabes

Tenho ficha na polícia cidadão indesejável elemento agitador

E amo gatos bichinhos miúdos sem importância

Nunca matei passarinho (uma vez fui, a mão tremeu)

Amo amizades construídas em bar esquina cabaré

O rio da minha terra

O mar onde pulo em mergulhos

Onde vejo barcos gaivotas penso em piratas heróis da infância

Penso em viagens conhecer tudo quanto é canto do mundo

Amo as noites luarinas gatos miando pelos telhados

Amo meus livros meu quanto os retratos da mãe e do líder que me fitam

Amo até porque compreendo os que memagoam

Quando nasci em Água Preta meu pai como qualquer pai

Se alegrou de dinheiro aos pobres

Farinha carne seca aos cegos da feira

Minha mãe fez promessa prometeu meu nome a São Jorge meu protetor

Também fui batizado crismado com o cristão

Cresci aprendi sofri amei

Amei tanto que virei poeta para amar também

Essa coisa que me espreme o coração

Isso que medá de noite de manhã a qualquer momento

Que me põe na mesa me obriga a chorar

Ao ver letras tremendo em minha frente

Gota de lágrima escorrendo pelo rosto borrando a página

Jorge Medauar nasceu em 15 de abril de 1918, em Uruçuca - Água Preta (BA) e faleceu em São Paulo, em 3 de junho de 2003.

Poeta, contista, romancista, membro da Academia de Letras de Ilhéus e da Academia de Letras do Brasil.

Foi agraciado com o Prêmio Jabuti.

Autobiografia foi declamado por Rosani Abou Adal

na homenagem promovida pelo Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, no Centro Cultural Árabe-Sírio (notícia na pág. 8).



Jorge Medauar

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



Antologias:

Poemas: // Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: // Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: // Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br

via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Resenha do livro “A Verdade Lançada ao Solo”

Regina Igel

Há certos sabores que só podem ser apreciados lentamente, para que a língua tenha mais vantagens em degustá-los e ganhe tempo para informar o cérebro sobre eles. Respeitadas as coordenadas referenciais, é o caso do livro *A Verdade Lançada ao Solo*, de Paulo Rosenbaum. É obra que exige lenta leitura, com pausas regulares, preenchidas por contemplanções, reflexões e meditações. Para se aprender, pelos caminhos do rabino Zult Talb, o que é a alma, se ela transmigra ou não, onde se pode encontrar Deus, como chegar até o Criador (ainda como ser vivo), enfim, para ser saboreado em seus meandros místicos, filosóficos, científicos, pessoais e universais, este livro tem de ser lido lentamente. (Eu levei um mês mais uma semana para terminar a leitura – pois parei em várias passagens, para pensar no que acabava de ler...)

É livro denso, pode-se dizer, enciclopédico pois, ao redor de um verbete – *devekut* – giram três histórias, um epílogo e uma parte iconográfica. Cada uma das três primeiras especula, analisa, questiona, por personagens ativos e diálogos dinâmicos, o que vem a ser *devekut*. Na primeira narrativa, que transcorre na cidadezinha de Tisla, em meados do século XIX (mais precisamente em 1856, que corresponde ao ano judaico 5.616), a história esclarecedora de *devekut* tem início numa casa modesta, adaptada para ser também casa de orações para os judeus naquele remoto e parcamente povoado lugarejo. O rabino Zult, líder da comunidade, é visto com respeito e com desconfiança: na sinagoga, ele dirigia judeus que respeitavam a religião e eram pouco afeitos a interpretações esotéricas, às quais ele se dedicava de tempos em tempos. Não que ele fosse um rebelde ou motivador de rebeldias religiosas, mas era um homem que não aceitava a palavra escrita como prova irrefutável de uma verdade, nem tampouco a interpretação tradicional do Talmud (o texto que reúne códigos de comportamento ético, composto por uma sequência de rabinos a partir do segundo século da Era Comum aos judeus e cristãos). Na página em que se identifica “... Zult era um iconoclasta” (p. 24), se

encontra o cume desta narrativa, que é a imersão na *devekut*. O autor coloca uma nota explicativa ao pé do texto (como faz com quase todas as palavras de origem hebraica, em transliteração ao português), esclarecendo que *devekut* significa “aproximação, aderência, apego. Termo místico que define proximidade com Deus. Estado modificado de consciência, no qual os homens podem experimentar no corpo a própria energia de Deus.” No mister de provar tal experiência, o rabino pode ser observado como se fosse um submarino cortando águas profundas, interceptado por diversas correntes (as perguntas, os comentários e observações de seus ouvintes), mas com uma trajetória firme, articulada por sua vontade de experimentar um fenômeno místico, arrebatador, que se manifestaria nele num delírio de integração ao Divino e do qual ele lançaria luzes a seus seguidores. Entender os caminhos de Zult é um desafio – não só para a sua plateia, mas para os leitores também. O iconoclasta – na verdade, um homem interessado no diálogo, numa discussão esclarecedora, numa dialética quase platônica (talvez) – tentava arrancar dos ouvintes a capacidade latente deles em argumentar, discutir, trocar ideias. Seus discursos desafiavam a crosta conservadora da sua comunidade e de conselhos rabínicos, quando defendiam a ideia de que a Diáspora ou o Exílio era melhor para os judeus do que se aglomerarem em Israel, como queriam os sonhadores do seu tempo – que se tomou realidade pela força sionista. Como era formado em Filosofia, por uma universidade não-judaica, Zult trazia para suas prédicas a ideia de que as ciências eram benéficas para todos e que os judeus religiosos não deveriam se fincar apenas na fé ou na espera de milagres, pois a medicina (sua vocação frustrada), por exemplo, era um pilar de suma importância na prevenção e na cura de doenças. Um de seus muitos filhos, o Nay, era um atento interlocutor e provocador, que muitas vezes substituía um público de ouvintes um tanto moucos em suas prédicas, pois o menino de 14 anos lhe fazia perguntas, apresentando desafios e sugestões. E também houve ocasiões em que Zult, o iconoclasta, não tinha público nem filho para contestar suas verdades; mesmo assim, ele falava, ou se cala-

va, preparando-se para receber a *devekut* – e a recebia, gerando em si mesmo uma energia de alta frequência, de pulsação insólita, que o levava a pensar que se impregnava da energia divina. Não que quisesse se igualar a Deus, mas queria usufruir da divindade o que a patologia de ser um ente humano não lhe permitia.

Se a *devekut* foi definida no início da primeira narrativa e gradualmente explicada ao longo das primeiras cem páginas, o título da obra só vai receber esclarecimento para além da página 100, como se fosse necessário preparar os leitores para a essência de uma escrita laica num contexto carregado de religiosidade. “A verdade lançada ao solo” (fragmento que se encontra no Livro de Daniel 8:12) se tomou uma espécie de mantra ou bússola para o pensamento, utilizada por Zult, na sua busca por uma interpretação do versículo em todas suas possibilidades semânticas ou racionais e místicas ou movidas pelo supematural. Em resumo, a verdade está diluída no pó ou é o pó que se alimenta da verdade? O livro se apropria dessas (entre outras) versões para explicar Deus, o mal, o bem, a doença, a cura, o êxtase, o milagre, a indiferença, a alma, o espírito, indo do geral ao particular, ao mencionar a necessidade de se estudar textos bíblicos em duplas (como o fazem os estudantes dos seminários judaicos), pois uma leitura individual não é aceitável – faz-se necessário discussão, apresentação de ideias conflitantes, diálogo, é preciso liberar o epílogo, a conclusão, de todo o emaranhado que nos desafia.

O diálogo vem a ser o cume da segunda narrativa, “A balada de Yan e Sibelius”. Os personagens são dois

homens perdidos nos Alpes, em meio a uma nevasca. Um deles é médico, o outro é seu ex-paciente; um deles é o Dr. Talb, descendente do Zult Talb, personagem proeminente na narrativa anterior. Numa área escavada numa montanha gelada, que mal abriga os dois, à espera de não se sabe o quê, ou que o tempo melhore ou que eles se entendam, discorrem sobre a ótica médica e a ótica dos pacientes que não só podem diferir uma da outra, mas chocar-se também. Fé e razão passam a ser elementos de fricção e ponderações para os dois perdidos na brancura da neve e na negritude da noite. Ambos mantêm o fogo do conhecimento aceso e reciprocamente sopram as chamas, como querendo que um se apagasse para o outro continuar a existir.

Como o fez na primeira história, o narrador interpõe ao texto ‘recados’ ou intercalações de cunho explanatório sobre a religião, hábitos dos judeus ao longo dos séculos e outros temas. Imitariam os ‘comentários’ ou ‘ridushim’, notas ou observações marginais ao texto do Talmud. Nesta narrativa, as interferências explicam certas reações orgânicas a alguns remédios, os efeitos da sua ‘produção industrial’, a manipulação do corporativismo, o darwinismo, o congelamento dos órgãos internos, a fome contínua, o perigo da morte pela inércia física no panorama congelado – em enunciados breves, não-invasivos, que complementam o desenrolar dos eventos. Com a precariedade da situação, o judeu impulsiona o tema da *devekut*, que passa a ser o jogo dialético entre os dois alpinistas. Ela é então praticada: os sentidos se renovam, os membros congelados se movem, a cabeça se esvazia do medo e da incerteza

LIVRARIA BRANDÃO 

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefones: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbcok@terra.com.br - www.brandaojrestantevirtual.com.br

za, a "Presença" penetra pelos olhos dos seus praticantes. "... não tem como comparar com droga nenhuma. Nem alucinógenos, nem estupefacientes, nem nada da farmacopeia" (p. 479). É a fé ou é a alucinação dos corpos deteriorados?

A terceira e última das narrativas, "Sonho não interpretado", conceme tratamentos de dependentes químicos, na época contemporânea. Um jogo de xadrez se coloca entre médico e paciente e mais: doutrinas espíritas, um papiro que contava vidas dos antepassados do médico (entre eles, o rabino Zult Talb), transe, incursões a cemitérios de judeus poloneses depois do Holocausto, perspectivas para o mundo sob o comando dos norte-americanos, terrorismo, Al-Qaeda, a destruição das vidas e das torres gêmeas em Nova York, exorcismo, os justosem cada geração judaica...

um repertório que instala personagens e questões dentro de uma moldura atual, atravessando Israel, Grécia, Egito, o Brasil e a inclusão do velho Zult Talb, que reaparece em espírito. Atmosfera sufocante, perturbadora e liberadora, instiga perguntas que exigem respostas, como se indicassem que, no mundo caótico em que vivemos, só o questionamento pode nos encaminhar para o conhecimento.

O Epílogo é uma tentativa de amarrar os eventos principais, transcorridos pelas três narrativas mas, na verdade, são os leitores que devem fazer o acerto das circunstâncias lidas, visualizadas e imaginadas, com o roteiro fomecido pelo autor. Este também insere fotos dos 'pergaminhos' deixados por Zult (em papel brilhante, de um colorido esmaecido como num daguerreótipo, em escrita artística), para que as futuras gerações soubessem que a 'devekut' é uma atividade que pode e deve ser experimentada para uma aproximação real com Deus, ainda que paradoxalmente seja abstrata, como parte do absurdo da existência humana.

Para quem eu recomendaria este livro? Para aqueles que não sabem absolutamente nada sobre judaísmo, para aqueles que, como eu, sabem um pouquinho e para aqueles que sabem bastante. Esta obra, imersa em conhecimento, divulgado por diálogos e meditações dos personagens, é inédita no repertório de



obras brasileiras de ficção, pois mostra intenções implícita e expressas de provocar nossa curiosidade intelectual, espiritual e emocional. Quem a ler, ganhará em conhecimento sobre a religião judaica, seus mitos, rituais, tradições, transgressões e acertos; sobre alma, Deus, julgamentos humanos e divinos mas, principalmente, ganhará em conhecimento de si mesmo. O estilo da escrita tem volteios e sinuosidades, trazendo às narrativas possibilidades de caminhadas mentais, por uma leitura lenta e gradual. Dêem o tempo necessário para seu cérebro e suas emoções procurarem 'a verdade lançada ao solo'.

Um trecho desta resenha será publicada no Handbook of Latin American Studies, uma publicação da Biblioteca do Congresso, Washington, D. C. que está programado para sair em 2015 (Vol. 60).

Regina Igel (University of Maryland, College Park) é professora titular de Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa no Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Maryland. É encarregada da seção Brazilian Novels do Handbook of Latin American Studies, uma publicação da Biblioteca do Congresso, em Washington, D.C., e colabora para esta publicação com cerca de 70 resenhas de romances publicados num período de dois anos no Brasil.

Freitas Nobre, um homem valente

Rodolfo Konder

Jornalista, escritor e parlamentar, ele foi um guerreiro, um combatente pacífico da liberdade; nos anos da reconstrução. Sabia valorizar o diálogo e a negociação.

"Somos nossa memória", dizia o mago Jorge Luis Borges. E nossa memória nos fala sempre de um Freitas Nobre que jamais se deixou intimidar pelos mastins da ditadura erguida a partir de 1964. Ao contrário aponta-o como um dos corajosos fundadores do MDB, partido da oposição, naqueles anos escuros, para alguns quase esquecidos. Mesmo a estes, porém, lembramos novamente Borges: "o esquecimento é uma das formas da memória. Seu vago porão".

Freitas Nobre era franzino, magro, e baixo. Usava óculos. Parecia frágil. Quem o conhecia, no entanto, sabia-o um homem de ferro. Ninguém podia humilhá-lo, porque era feito de rara fibra nordestina, inquebrável, curtida na sequeidão do agreste.

Foi dirigente sindical e político destacado. Conquistou o respeito e admiração mesmo de quem discordava dele. Por quê? Porque jamais se recusava ao bom combate. Nem ao entendimento necessário. Nunca deu o troco errado por baixo da mesa. Nem tropeçou em promessas vãs ou nas palavras jogadas a esmo. Marcava-o o espírito público, qualidade ainda rara entre os políticos brasileiros.

Estive com ele no início dos anos 80, para convidá-lo a ser um dos fundadores da Anistia Internacional no Brasil. Ele aceitou o convite, sem hesitar. Em 1983, já vivíamos ao sol da democracia recém-conquistada, em São Paulo, com o Governo de André Franco Montoro, base sólida para o resgate democrático de toda a nação. Acabávamos de inaugurar a sede brasileira da Anistia Internacional, na Vila Madalena, quando os esbirros acuados da ditadura militar ainda instalada em Brasília nos atacaram, incendiando a casa alugada. Ao lado de José Carlos Dias, Secretário de Justiça do Governo Montoro, Freitas Nobre foi dos primeiros a se manifestar, solidário e disposto. Assimera ele.

Se nos tempos nebulosos e censurados dos senhores da guerra interna Freitas foi um guerreiro, um combatente pacífico da liberdade, nos anos da reconstrução sabia valorizar o diálogo e a negociação. As perseguições, as ameaças e a cassação de antes não o transformaram num sectário ressentido. Costurava, amarrava, articulava. Nunca recorreu à violência, mas fazia tremer os violentos, com a tenacidade, a firmeza de suas convicções libertárias.

Estudioso, dedicado, empenhado, lia e relia, registrava e brandia seus conhecimentos como armas letais contra qualquer forma de autoritarismo. Por isso mesmo, jamais o atraíram os extremos, de direita ou de esquerda. A defesa da democracia, do pluralismo e dos direitos humanos era o seu norte.

Também era grande no dia-a-dia. Lembro-me de sua emoção quando me acompanhou num gesto de protesto, em apoio a Alberto Helena Junior, demitido de maneira torpe da TV Gazeta, nos dias flácidos de Ferreira Neto. Demitimo-nos todos, no ar, ao vivo. Freitas mal conseguia falar, de tão emocionado. Com essa mesma grandeza buscou sua reintegração na Universidade de São Paulo e voltou a competir nas urnas, por um mandato.

Ali, creio, começou a morrer. Derrotado, não realizou o sonho de se tomar um constituinte. Seguramente teria sido dos melhores. Não chegou lá, e nas eleições sofreu uma nova derrota. Um golpe a mais afrouxou sua resistência à doença. Tomou lassos músculos da sua vontade. Até da vontade de viver. E ele se foi. Mas eu quero lembrá-lo citando, mais uma vez, o genial Jorge Luis Borges: "que importa a nossa covardia, se há na terra um só homem valente?" Freitas Nobre era um homem valente.

Rodolfo Konder é diretor da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Freitas Nobre

de 2014

Concursos

I Concurso de Resenhas do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal está com inscrições abertas até o dia 20 de março para resenhas de livros com até 3.500 caracteres, incluindo espaços. As obras que poderão ser resenhadas estão disponíveis em www.sindescritores.com.br e www.paginadosconcursos.com.br. **Premiação:** Um E-book Readee e um exemplar da antologia com os trabalhos premiados.

Concurso Nacional de Literatura Prêmio Cidade de Belo Horizonte, promovido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, por meio da Fundação Municipal de Cultura, está com inscrições abertas para a edição 2013/2014 até o dia 25 de abril. Essa é a mais antiga premiação literária do país. **Categorias:** conto, dramaturgia, poesia e romance. Os interessados poderão inscrever originais inéditos sob o uso de pseudônimo. **Premiação:** R\$ 50 mil para o vencedor de cada categoria. **Edital:** <http://ow.ly/rNM0g>

VII FESTIVAL DE POESIA FALADA DO RIO DE JANEIRO - PRÊMIO FRANCISCO IGREJA, promovido pela APPERJ - Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro, com apoio cultural da OFICINA Editores, está com inscrições abertas até o dia 31 de julho. Os interessados poderão enviar até três poemas inéditos, sob o uso de pseudônimo, em língua portuguesa, digitados, com no máximo 30 linhas (espaços inclusive), em três vias, acompanhados da taxa de inscrição no valor de R\$ 10 por poema (cópia do depósito feito em nome de APPERJ). **Premiação:** Os 20 melhores textos receberão certificado de Menção Honrosa e para o 1º lugar: R\$400,00; 2º lugar: R\$300,00; 3º lugar: R\$200,00 e melhor intérprete: R\$100,00. **Edital:** http://www.apperj.com.br/regulamento_festival_poesia_faladarj.htm **Informações:** Sérgio Gerônimo (21) 3429-1233 ou com Glenda Maier (21) 3392-2576.



O 12º Prêmio Literário Livraria Asabeça 2013, promovido pela Livraria Asabeça, laureou o escritor José de Paiva Rebouças, da cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, com a obra *Catálogo Maçante das Coisas Comuns*, que receberá como prêmio a publicação da obra pela Scortecci Editora. Também foram agraciados com Menções Honrosas Victor Medeiros Costa, da cidade de Araranguá/SC, com *Alphonsus em Cantos de Cigarra*, e Eduardo Alves Siqueira, da cidade de Maringá/PR, com *Cidade/fantasma*.

LINGUAGEM VIVA
www.linguagemviva.com.br
 Consulte nossa tabela de preços
Linguagemviva@linguagemviva.com.br
 Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Quem segura esse rojão?

Ulisses Tavares

(Para Santiago Andrade e para o que resta de esperança)

Sabia-se e sentia-se
 Que o rojão cairia
 Na cabeça dos inocentes
 Mais dia menos dia.
 Orojão da impunidade,
 Da corrupção,
 Do desgoverno,
 Das omissas obridades.
 E caiu em um cinegrafista,
 Olho livre da sociedade.
 Agota água
 Em nosso pote
 Já tão cheio de revolta e m'água.
 Quem não é bandido
 Chora,
 Só a bandidagem com em ora.
 Paz, antes que seja tarde demais.
 Vem mais rojão por aí, a mil,
 Aceso pelo lado podre do Brasil
 Quem segura essa gente ruim
 Essa tralha?
 Justiça, porque tarda e falha?

Ulisses Tavares é professor, publicitário, marketeiro, jornalista, dramaturgo, compositor, roteirista, ator e poeta.

RODA GIGANTE

Débora Novaes de Castro

Liga a chave,
 o homenzinho,
 daquela Roda,
 Roda-Gigante,
 que vai girando,
 girando bancos
 balançantes,
 irreverentes,
 que tem, por moldura,
 a amplidão.

Balança a moça,
 balança o menino,
 o casal de velhinhos,
 e os namorados,
 que em busca de estrelas,
 lá em cima no alto,
 num beijo roubado,
 entrelaçam as mãos.

Continua o seu giro
 a Roda-Gigante,
 girando sonhos,
 levando ilusões,
 até que o homenzinho,
 que não olha estrelas,
 desliga a chave
 da Roda-Gigante,
 e todos descem,
 descem das nuvens
 e pisam o chão.

Menção Honrosa - II Encontro de Artes - 1984 - Biblioteca Pública Municipal "Adelpha Figueiredo" - B. Pari-São Paulo-SP

Débora Novaes de Castro, Mestre em Comunicação & Semiótica; Intermiçose na Literatura e nas Artes. Pertence: ACL, APEL, UBE, UBT, GEH, Casa do Poeta "Lampião de Gás", entre outras Instituições.

Todo mundo adora ver
 uma caricatura bem
 feita. E bem feito
 pra você que
 ainda não tem.



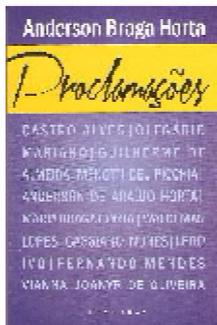
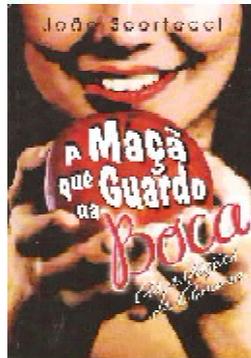
www.xavi.com.br



Lançamentos e Livros

A Maça Que Guardo na Boca, poesia de João Scortecci, Scortecci Editora, 88 páginas, 1ª edição - 2014, São Paulo, ISBN 978-85-366-3574-3. O autor é escritor, editor, gráfico, livreiro e Diretor Presidente do Grupo Editorial Scortecci desde a sua fundação, em 1982. A obra, erótica e de poética sensual, foi escrita no corpo de todas as mulheres (as que sangram e as que não sangram mais). *Nas Estações de Amora* (subtítulo) o autor vivencia dias de fúria, pecando seus pecados vermelhos, e de cio, explorando Afrodite e os lúdicos pecados da carne.

Livraria Virtual Asabeça: <http://www.w.livrariaasabeça.com.br/>



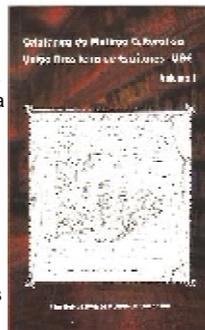
Proclamações, de Anderson Braga Horta, Thesaurus Editora, 192 páginas, Brasília, DF. O autor é escritor, poeta, cofundador da Associação Nacional de Escritores e membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Letras do Brasil.

A obra reúne textos manifestados em forma de ensaios e conferências sobre poetas brasileiros como Castro Alves, Olegário Mariano, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Cassiano Nunes, Maria Braga Horta, Anderson de Araújo Horta, Waldemar Lopes, Lêdo Ivo, Fernando Mendes Vianna e Joanyr de Oliveira.

Thesaurus Editora: www.thesaurus.com.br

Coletânea do Mutirão Cultural da União Brasileira de Escritores - UBE, volume I, Comissão Diretora do Mutirão Cultural da UBE, organizado por Sueli Carlos, Expressão & Arte Editora, São Paulo, 64 páginas. Participam da obra Alberto Alves de Souza, Almir de Almeida Carvalho, Ana Paula Carvalho, Ana Paula Hassan Jalloul, Carlos Frydman, Clóvis Reis Araújo, Eliana Wissmann Alynak, Eliane da Silva, Gilda Pereira de Souza, Ilda Suzue Myagusuku, Joana Simas de Oliveira Scarparo, João Meireles Câmara, Joaquim Maria Botelho, José Donizetti Nicolini Gonçalves, José Pereira Alves, Luiz Carlos Florentino Silva, Luis Sombra de Silva, Manoel Santan Câmara Alves, Márcia Moreira, Marilu F. Queiroz, Odila Placência, Olga Figueiredo Augusto, Pedro Pires Bessa, Regina Y. Komatsu, Rita de Cássia Dantas Silva, Selma Ramos de Oliveira Carvalho, Sueli Carlos Kumiko Arimori e Wilson de Oliveira Jasa.

Mutirão Cultural da UBE: [Sueli Carlos- fonosuelicatos@gmail.com](mailto:SueliCarlos-fonosuelicatos@gmail.com)



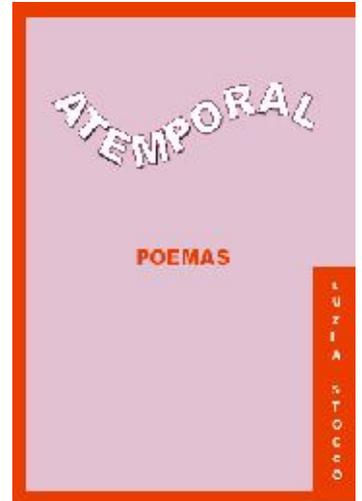
Apresentação

LedaColetti

Fazer a apresentação da pessoa linda que é minha amiga Luzia é uma honra e também uma grande responsabilidade, pois ela é agraciada com tantos talentos, que podemos correr o risco de não mencionar boa parte deles. Sempre associando a versatilidade que possui para a escrita a outras artes, teatro, música (coral) estamos diante de uma artista completa. Atendo-nos na arte teatral tivemos o privilégio de vê-la representar um dos papéis de "Lugar onde o peixe para", do Grupo Andaime, do qual fez parte por quase quinze anos. Sua interpretação foi perfeita. Lendo depois sua obra autobiográfica "A menina do Bairro Fria", pude entender e mais ainda admirar como ela transpôs para a personagem, sua trajetória rural até os 11 anos, "em meio à flora e um belo riacho"... Acredito que a vivência no campo, aprendendo a cuidar da horta, corte da cana e todos os afazeres domésticos, e mais tarde na cidade, como pajem, operadora de caixa, auxiliar de pesquisa, contribuíram para torná-la desde adolescente, a mulher guerreira, determinada, sempre vencendo os obstáculos tanto de ordem material como afetiva, fazendo-a desabrochar para uma vida rica em experiências artísticas e educacionais. No seu livro "Valentine", conto infantil, reúne todo esse aprendizado e com grande sabedoria transmite às crianças e adolescentes a vida em contato com a natureza e o que o planeta terra oferece de bom aos homens, por meio da fauna e flora.

Sendo Luzia privilegiada em dons artísticos, o seu lado humanístico não fica aquém. Sempre pronta para servir, já aliviou muitas dores dos moradores do Lar Betel com massagens, e em outros lugares a aplicação do reiki. Por paixão aos animais, tornou-se vegetariana.

Educadora por excelência, formada em nível superior na cadeira de História dinâmico ou trabalho educacional junto aos adolescentes, nas escolas por onde lecionou e foi coordenadora pedagógica, criando projetos culturais, entre eles a Explosão Cultural, que incluía show de talentos, concurso de dança, canto e poesia interpretada. Também dirigiu vários grupos de teatro promo-



vendo o intercâmbio entre várias escolas. Participou do Projeto Plantando Sonhos, coordenando oficinas de teatro às crianças das escolas municipais, parceria do Grupo Andaime de Teatro Unimep com a Secretaria Municipal de Educação.

Lembra com muito carinho o período em que como paciente de arteterapia e por meio do autoconhecimento despertou e desabrochou para a literatura, quando então escreveu seu primeiro livro em 2008 e publicado em 2010 "A menina do Bairro Fria - sonhos e desabrochar." Outros se seguiram em 2011, 2012 e 2013, entre histórias e contos infantis, de adultos e poesias. Acrescente-se ao seu currículo literário, importantes prêmios em concursos nacionais e estaduais. Merece destaque especial esta coletânea de poesia "Atemporal", selecionado pelo Fac (Fundo de Apoio à Cultura Municipal), onde Luzia de modo espontâneo escreve ricos versos e materializa em palavras os seus sonhos, pensamentos e sentimentos.

Como disse inicialmente, teria muito ainda para escrever sobre a autora de "Atemporal", mas convido o leitor(a) a penetrar no mundo mágico da sua poesia a tenho certeza usufruirá momentos inesquecíveis de cultura, entretenimento e bem viver.

LedaColetti é professora, escritora e membro da Academia Piracicabana de Letras. Participa do Clip, Golp, Clube dos Escritores e do Sarau Literário Piracicabano.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Notícias



Júlia Cruz e Sezário Silva

Rosani Abou Adal

O Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo publicou em www.escriitoresp.org/ matéria e vídeo do evento em homenagem a Jorge Medauar, realizado com apoio do Centro Cultural Árabe-Sírio no início do mês. Nathaniel Braia, diretor do sindicato, conduziu a cerimônia. Foi exibido um vídeo, produzido pela TV Cronópios, com depoimentos de artistas, escritores, empresários, editores e amigos de Medauar. Dr. Fuad Achcar, advogado do Centro Cultural Árabe Sírio, Eyad Murched, presidente do Centro Cultural Árabe-Sírio, o publicitário Roberto Duailib, Agnaldo Loyo Bechelli, Jorginho Medauar (filho), Caio Medauar (Neto) e Nilson Araújo de Souza, presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Rosani Abou Adal apresentou performance com poemas do homenageado. Estiveram presentes Eduardo Elias, presidente da Fearab, Elias Bára, Cônsul da Síria, Carlos Tebecherani, engenheiro e empresário, Cloude Hajad, diretora da Fearab América, Ana Rodrigues, da Federação Democrática Internacional de Mulheres (FEDIM), Maria Aparecida Pinto, da Federação das Mulheres Paulistas (FMP), Maria Pimentel, diretora de relações internacionais da CGTB, Gabriel Sayeg, do Esporte Clube Sírio, entre outras personalidades.

A Casa da Comunicação promoveu o evento *SÃ PA, Feliz Aniversário, Querida*, coordenado por Ieda Estergilda de Abreu e Renata Di Nizo, que apresentou trecho da ópera *Café*, de Mário de Andrade (1942), sarau de poesias, e projeção de fotos da cidade de Jesus Carlos. O evento contou com as participações da banda *Compulsão Sonora*, de Edu Viola, Lou Calheiros, Fátima Silva, Luís Rodolfo Dantas, Ieda Estergilda de Abreu, Rosani Abou Adal, Luiz Gonzaga S. Neto e Luiz Roberto Guedes.

Montanha, romance de Cyro dos Anjos publicado em 1956, será lançado pela Biblioteca Azul. A nova edição foi organizada por Wander Melo Miranda.

O Programa de Intercâmbio de Autores Brasileiros no Exterior, da Fundação Biblioteca Nacional, está com inscrições abertas até o dia 10 de março, para o primeiro semestre, para apoio financeiro às editoras e instituições culturais estrangeiras para promoverem a participação de autores brasileiros em eventos literários no exterior. Para o segundo semestre as inscrições vão até o dia 9 de junho. http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=164

Antônio Torres tomará posse na Academia Brasileira de Letras no dia 9 de abril para ocupar a Cadeira nº 23 que pertenceu ao acadêmico Luiz Paulo Horta. Antonio Torres será recebido pela acadêmica Nélida Piñon.

A XXVII Reunião Anual da ABEU - Associação Brasileira de Editoras Universitárias - será realizada de 7 a 9 de maio, em Campina Grande (PB). www.abeu.org.br

O Dr. Prof. Jose Alberto Neves Candeias, escritor, médico, pesquisador, professor titular da Universidade de São Paulo e esposo da Dra Nelly Ferreira Martins Candeias, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, faleceu no dia 5 de fevereiro em São Paulo.

O Espaço Scortecci, Rua Dep. Lacerda Franco, 96, em São Paulo, abriga a Escola do Escritor, TV Livro, livraria com os últimos lançamentos da editora, salão de autógrafos, salas para reuniões e trabalhos, copa equipada para eventos, sala de imprensa e jardim literário para recitais e saraus. Telefone: (11) 4562-5003.

João Scortecci lançou *A Maçã* que Guardo na Boca, poemas, pela Scortecci Editora.



Sonia Salles

A China que eu vi, artigo de Sonia Salles publicado no jornal *Linguagem Viva*, edição nº 291, novembro de 2013, na página 4, foi traduzido para o chinês e será publicado lá, conforme comunicação da Associação dos Escritores da China para a autora do referido texto.

Tiago Jos e Berg lança *Bandeiras de todos os países do mundo*, Panda Books, no dia 22 de fevereiro, sábado, às 13 horas, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Rua Benjamin Constant, 158, 4º andar, em São Paulo.

Gabriel Kwak proferiu a palestra *RUI BARBOSA, um pouco do que ele foi* no Ciclo de estudos *Técnicas de Oratória - Dr. João Meireles Câmara*, na Associação Comercial de São Paulo - Distrital Centro. O evento é promovido pelo Mutirão Cultural da UBE.

O 20º Ciclo de Estudos Técnicas de Oratória - Dr. João Meireles Câmara será realizado aos sábados, nos dias 22 e 29 de março, 5, 12 e 26 de abril, 10, 17 e 24 de maio, das 9 às 12 horas, no AC SP, Rua Galvão Bueno, 83, em São Paulo. O ciclo é promovido pelo Mutirão Cultural da UBE, com apoio da Associação Comercial de São Paulo e Universo da Aquarela. Informações com Sueli Carlos: fonosueliacarlos@gmail.com

Beatriz Amaral está com o vídeo com a leitura do poema *Relâmpagos*, que foi incluído na antologia poética *É que os Hussardos chegam hoje*, Editora Patuá, em <http://www.youtube.com/watch?v=J3NzyxQpVo4>. A obra foi coordenada por Vanderley Mendonça, Eduardo Lacerda, Lilian Aquino, Ana Erre e Elisa Andrade Buzzo.

O II Prêmio Brasília de Literatura, gêneros biografia, conto, crônica, infantil, juvenil, poesia, romance e reportagem, está com inscrições abertas até 3 de março. Os interessados poderão inscrever obras publicadas em 1ª edição no Brasil, de 1 de janeiro de 2012 a 31 de dezembro de 2013. O primeiro colocado de cada categoria receberá R\$ 30 mil e o segundo R\$ 10 mil. <http://www.bienalbrasildolivro.com.br/concursos>

A Escola do Livro promoverá o curso *Livro Digital e Direitos Autorais*, ministrado por Gilberto Mariot, no dia 10 de março, das 9h30 às 12h30, na Câmara Brasileira do Livro, R. Cristiano Viana, 91, em São Paulo. escoladolivro@cbl.org.br

Heródoto Barbeiro e Bruna Cantele lançaram *O Renascimento - Explosão Artística e Cultural*, pela Editora Discovery Publicações. A obra aborda o panorama histórico do período renascentista e um capítulo exclusivo sobre a evolução dos direitos mercantis e internacionais.

A Sala Futura Luz, do Museu da Língua Portuguesa, midiateca que disponibiliza o conteúdo audiovisual do Futura, funciona de terça a sábado, das 12 às 18 horas.

A 2ª edição da revista Laureates do Instituto Cultural da Fraternidade de Universais, coordenada por Valdeci A. de Oliveira e Maria dos Anjos Oliveira, poderá ser adquirida no Clube Português, Rua Turiaçu, 59, em São Paulo. mariaadosanjos@terra.com.br



Donizete Galvão

Donizete Galvão, poeta e jornalista mineiro, faleceu no dia 30 de janeiro, aos 59 anos, em São Paulo. Autor de *Azul Navalha*, lançado em 1998, foi agraciado com *Prêmio APCA* da Associação Paulista de Críticos de Arte e indicado para o *Prêmio Jabuti*. *O Homem Inacabado* (2010) foi finalista do *Portugal Telecom* e o segundo colocado no *Prêmio da Bienal de Poesia de Brasília*.

